



XXXIII SIC SALÃO INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Evento	Salão UFRGS 2021: SIC - XXXIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2021
Local	Virtual
Título	Tem hora que eu sou quando um barco: o navegar das cidades e as heterotopias do brincar
Autor	JACINTA ANTONIOLLI TESTA
Orientador	CAROLINA DOS REIS

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Núcleo de Estudos em Políticas e Tecnologias Contemporâneas de Subjetivação
(Núcleo E-Politcs)

Autora: Jacinta Antonioli Testa
Orientadora: Prof.^a Dra. Carolina dos Reis

Tem hora que eu sou quando um barco: o navegar das cidades e as heterotopias do brincar

Seria nossa cidade a mesma? Quantas cidades cabem em uma só? Modos de vida excludentes e individualizantes fazem-se presentes nos grandes centros: sujeitos enclausuram-se em caixas-apartamentos; ruas tornam-se ruas-corredores. Uma esquina à frente, pessoas em situação de rua fazem da rua morada; militantes fazem da rua comunas. Produzem-se distintas cidades, tantas vezes conflitantes. A experiência pandêmica, nesse sentido, relança questões sobre as relações com a urbe: diante das medidas necessárias à contenção da Covid-19, há corpos que puderam retirar-se das ruas e corpos que delas nunca saíram. Tal movimentação escancara as violências urbanas e amplifica os distintos conceitos de cidade que coabitam, disputam, sobrepõem-se. Este trabalho busca, assim, investigar as cidades existentes e as possíveis, refletindo sobre as invenções que irrompem nas regras do jogo urbano – produtoras de espaços outros, heterotópicos, que contestam aqueles onde vivemos. Tem-se como inspiração os últimos percursos de pesquisa e extensão, traçados junto a coletivos e movimentos de luta pelo direito à cidade de Porto Alegre. A partir de registros em diários de campo, relatos, fragmentos, revira-se as memórias dos encontros, na tentativa de visitar os aprendizados cultivados com os coletivos que, a todo instante e a todo lugar, brincam com a cidade. Para tanto, a *heterotopia*, concepção elaborada por Michel Foucault, é tomada como principal operador conceitual, na tentativa de articulá-lo à literatura brincante de Manoel de Barros, bem como às contribuições de Walter Benjamin sobre o brinquedo e o brincar. Quando a pedra da calçada vira o céu e o inferno da amarelinha, quando o meio-fio vira corda bamba: o fazer heterotópico do brincar é, aqui, tido como aposta ético-estético-política no lúdico e na sua insubmissão. Os corpos serão barcos – descritos por Foucault como heterotopias por excelência – e as ruas, não mais rua-corredor, como impõem as normas urbanas, mas rua-oceano.